



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PROGRAMA DE DISCIPLINA 2025.1

| | |
|-----------------------|--|
| Área | () Estudos de Língua (X) Estudos de Literatura |
| Especialidade | () Língua Portuguesa (x) Literatura Brasileira () Linguística (x) Literatura Portuguesa (x) Literaturas de Língua Inglesa (X) Teoria da Literatura e Literatura Comparada |
| Nível | (X) Mestrado (X) Doutorado |
| Disciplina | Textos Seminais em Teoria da Literatura e Literatura Comparada |
| Tema | Ensaio: a transfiguração das formas |
| Professor(a) | Davi Pessoa Carneiro |
| Dia e horário | Quarta-feira, das 14h às 17:20h |
| Recursos audiovisuais | (X) Sim () Não () Eventualmente |

Ementa

Em 2008, o crítico e professor Raul Antelo ministrou na Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina o curso “O ensaio como força”, cuja premissa era a seguinte:

“Em ‘O Ensaio como forma’, Adorno fornece uma definição clássica desse gênero julgado, até então, menor, destacando, como seus atributos inequívocos, a extrema liberdade para visitar outros domínios do saber, bem como o valor ineludível da escritura, atributos esses de que Walter Benjamin seria o mestre insuperável. Na compreensão adorniana do ensaio como forma, o ensaísta compõe experimentando, vira e revira o seu objeto, questiona-o e o apalpa, prova seus limites e submete-o, enfim, à reflexão iluminadora, após atacá-lo por várias frentes, para, a seguir, reuni-lo no olhar de seu espírito, pondo em palavras aquilo que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo próprio ato de escrever. Contudo, no atual processo de revisão do conceito de modernidade, em que essa posição revela-se, simultaneamente, livre até o extremo de questionar-se a si mesma; crítica da idéia de Revolução; cética perante o Iluminismo; eticamente pessimista e herdeira do argumento teológico, tornado um apelo à ação na forma do Mal, a modernidade deixa de considerar o ensaio como forma para vê-lo como força. O ensaio como força posiciona-se no interior de uma *estética da imanência*, que se pensa como gesto e não como representação, como *Darstellung* e não como *Vorstellung*, como processo e não como aspecto, como contato e não como distância. O ensaio como força movimenta-se num palco em que se tenta encenar, ou ainda, *reencenar*, o grande jogo bioestético chamado modernidade.”

Em 2002, o crítico literário e cultural italiano Alfonso Berardinelli publicava o estudo *A forma do ensaio: definição e atualidade de um gênero literário*, e logo no início do livro se questionava: “Como cheguei a me deparar com a questão de o que é exatamente a forma estilística do ensaio e que função essa forma desempenha e pode desempenhar na literatura contemporânea?”. E acrescentava:

“Se é verdade, como às vezes se ouve dizer, que o momento da reflexão e da consciência sempre chega depois do momento da ação e da experiência vivida, e que, por isso, a consciência que um gênero literário tem de si mesmo só amadurece depois que esse gênero alcançou, de fato, a maturidade, então o ensaio, como gênero literário, dificilmente encontrará uma forma de colher o fruto de sua própria maturidade autoconsciente. A forma do ensaio, de fato, sempre preserva algo de imaturo; gosta de dominar sem que seu domínio seja percebido como tal. Regula as relações entre outros gêneros, insinua-se entre eles e em seu interior, alimenta-se deles e tira proveito de seu brilho, faz-se escudo ao imitá-los ou pretende indicar-lhes o caminho a seguir. O ensaísta é um escritor de provas e experimentos, sempre incerto entre preferir para si o sucesso ou o fracasso, a forma concluída e definitiva ou o fragmento aleatório, as certezas afiadas e peremptórias ou os disfarces, os paradoxos, o histrionismo. O ensaísta está até mesmo indeciso entre escolher e suspender as escolhas, entre decidir e permanecer na incerteza. Como gênero literário, o ensaio é, talvez, o mais mutável e inatingível de todos. O mais exposto às influências de qualquer outro gênero, o mais passivo em seu orgulho, o mais impaciente em sua irresolução.”

Adorno, como se sabe, postulava que “a lei formal mais íntima do ensaio é a heresia”. Erich Auerbach a respeito de Montaigne anotava: “O profano Montaigne foi o primeiro a escrever como profano sobre os temas mais importantes e, embora na verdade não escrevesse para ninguém além de si mesmo, ainda assim formou uma comunidade de profanos, e seu livro tornou-se um livro para profanos”.

Como em todas as épocas de crise e de transfiguração dos gêneros literários — ou seja, mais tradicionais e consolidados em sua relação com o público (tragédia, comédia, romance, novela, poesia etc.) —, no século XX, a forma ensaística orbita muitos universos e se difunde em muitos campos do saber. O século XX testemunha uma penetração do ensaio em romances (lembramos os casos de Proust, Mann e Musil, sobretudo).

No *Dictionary of World Literary Terms*, organizado por Joseph T. Shipley, em 1970), vemos um esquema que divide em duas áreas as possibilidades do estilo ensaístico. De um lado, situa-se o ensaio construído segundo uma regra formal (e lógica), orientado por um esforço de objetividade e por um interesse predominantemente intelectual (tratado monográfico, científico, estudo biográfico e histórico, etc.). Do outro, encontra-se o ensaio livre, “informal”, no qual predominam o ponto de vista subjetivo do autor, sua experiência pessoal e sua imaginação. Tal dicotomia ainda se rege? Walter Benjamin, ensaísta extremamente hábil, aponta, no ensaio “A tarefa do tradutor”, que a tradução é uma forma. No entanto, mais adiante em sua reflexão complementa: “uma forma, sim, mas provisória”. Em outras palavras, o ensaio ativa uma força de *transfiguração de formas* que se pretendem imóveis.

Como poderíamos ler o gesto ensaístico em nossos dias? Quais as singularidades em relação aos “ensaios de interpretação nacional”, escritos ao longo do século XX? Como, por exemplo, *Populações meridionais do Brasil*, de Francisco José Oliveira Vianna, de 1920, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, ambos publicados em 1928. E ainda, *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre, *Evolução política do Brasil* de Caio Prado Jr., publicados em 1933; *Sobrados e mucambos*, de Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicados em 1936. Em 1942, Caio Prado publica *Formação do Brasil contemporâneo* e Oliveira Vianna, *Instituições políticas brasileiras*, em 1949. A tônica recaía nos termos “interpretação” e “nacional” por meio de uma modulação e temporalidade específicas? Quais suas singularidades? E ainda: há alguma coisa que resta desses ensaios na (trans)formação da “literatura brasileira” e da crítica literária em curso? Os ensaios de interpretação nacional são atravessados pela crise da estrutura colonial, que sofreu os impactos da crise do próprio capitalismo em 1930. Por sua vez, os ensaios pan-africanistas liam a contrapelo a crise lida pelos ensaios de interpretação nacional. Assim, em nossos dias, a que crises o ensaio busca elaborar em sua forma herética e, ao mesmo tempo, em sua força profanatória?

Em última análise, a questão ontológica do ser *ou* não-ser (tupy or not tupy), tão estruturante dos ensaios do século XX, ainda se faz presente no século XXI, quando somos convocados, a cada instante, a elaborar não apenas o ser, mas também, e sobretudo, o não-ser da cultura latino-americana?

Programa

A forma do ensaio; o ensaio como forma formante;
Qual o sujeito do ensaio?
Ensaio: um gênero literário, ou a desconstrução de gêneros?;
A crítica ensaística brasileira no século XX;
Ensaios de interpretação nacional;
Ensaios pan-africanistas;
A crítica ensaística no século XXI;
Ensaio-ficção, ficção-ensaio;
“Literatura não é documento”;
Ensaio no cinema e nas artes plásticas;
O ensaio pós-literário;
A força do ensaio;
O ensaio como transfiguração;

A metamorfose da forma.

Bibliografia Inicial

- Adorno, Theodor. *Mínima moralia*. 2a. ed. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993.
- Idem. “O ensaio como forma”. in Cohn, Gabriel. *Theodor Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- Idem. Theodor W. Adorno, “O ensaio como forma”, in *Notas de literatura I*, tradução de Jorge de Almeida, São Paulo, Editora 34, 2003.
- Idem. “Parataxis” in *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- Idem. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. Trad. Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Aira, Cesar. “O ensaio e seu tema”, in: revista landa Vol. 7 N° 1 (2018).
- Antelo, Raul. *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.
- Idem. *Crítica acéfala*. Buenos Aires, Grumo, 2008.
- Idem. “Ensaio crítico, vanguarda e intelectualidade. Guerreiro Ramos, o não contemporizador”. *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 18, p. 15-40, 2016.
- Idem. O ensaio pós-literário. *OUTRAS TRAVESSIAS*, v. 0, p. 81-98, 2014.
- Idem. O ensaio terminal: essência como potência. *Escritos (Fundação Casa de Rui Barbosa)*, v. 3, p. 187-212, 2009.
- _____. *A Ruinologia*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2016.
- _____. *Archifilologías latinoamericanas. Lecturas tras el agotamiento*. Villa Maria: Eduvim, 2015.
- _____. *Transgressão de Modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.
- _____. *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. São Paulo: Lumme editor, 2007.
- _____. “O arquivo e o presente”, In: *Gragoatá*, Niterói, n. 22, 2007.
- Araripe Jr., T. A. *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*. Sel. e apresentação Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EdUSP, 1978.
- Idem. *Gregório de Matos*. 2a. ed. Paris, Garnier, 1910.
- Idem. *Obra crítica*. Ed. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, s/d.
- Araújo, Ricardo B. de . *Guerra e paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. (Obras escolhidas, Vol. I). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Berardinelli, Alfonso. *La forma del saggio: definizione e attualità di un genere letterario*. Venezia: Marsilio Editore, 2002.
- Blanchot, Maurice. *Les intellectuels en question. Ébauche d'une réflexion*. Paris: Fourbis, 1997.
- Borges, Jorge Luis. *Obra Completa*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- Idem. *El tamaño de mi esperanza*. Barcelona, Seix Barral, 1994.
- Candido, António. *Vários escritos*. 4a. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004.
- Idem. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, pp. 17-32.
- Idem. *O observador literário*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- Idem. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (Selo Negro, 2011).
- Idem. *Escritos de uma vida* (Editora Letramento, 2018).
- Idem. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser* (Editora Zahar, 2023)
- Eulálio, Alexandre. “O ensaio literário no Brasil”, in: *Língua e Literatura*, São Paulo. (17). 9-54, 1989.
- Foucault, Michel. *Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Org. Manuel Barros da Motta. Trad. I. A. Dourado. Rio de Janeiro: Forense, 2001.
- Idem. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.
- Idem. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- Idem. *A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social*. *Raça e Classe*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988.
- Idem. *Mulher negra, essa quilombola*. *Folha de São Paulo*. Folhetim. Domingo 22 de novembro de 1981.
- Idem. *O terror nosso de cada dia*. *Raça & Classe*. Brasília, ano 1, n. 2, p. 8, ago./set. de 1987.
- Idem. *Nanny*. *Revista Humanidades*. v. 17, ano IV. Brasília, Universidade de Brasília, 1988 p. 23-25.
- Idem. *As amefricanas do Brasil e sua militância*. *Maioria Falante*. vol. 7, p. 5, mai./jun. 1988.
- Idem. *Uma viagem à Martinica*. *Jornal do MNU*. São Paulo, n. 2, p. 8, nov./dez. de 1991.
- GUARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Tradução de Carlos Nouguê. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- GUTIÉRREZ, Rafael. *Formas híbridas*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2017.
- GUAL, García. “Ensayando el ensayo: Plutarco como precursor.” In: *Revista de Occidente*, n. 116, 1991, p. 25-26.
- Holanda, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária*. Ed. Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Idem. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- KAMENSZAIN, Tamara. *Una intimidad inofensiva: Los que escriben con lo que hay*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2016.
- LAGO JR., S. “O ofício do ensaísta”. *Logos – Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 5-9, 2º sem. 1990.
- Lacerda, Virgínia Cortes de. *Rui Barbosa: escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.
- Leite, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios crípticos*. 2 ed. ampliada. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- Lima, Luiz Costa. “A Versão Solar do Patriarcalismo: Casa-grande & Senzala” in *A Aguarrás do Tempo: Estudos Sobre a Narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- Ludmer, Josefina - *O gênero gauchesco*. Um tratado sobre a pátria. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2002.
- Idem. *O corpo do delito*. Um manual. Trad. Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- Idem. “Las tretas del débil” in GONZÁLEZ, Patricia Elena & ORTEGA, Eliana (ed.) *Las sartén por el mango*. Encuentro de escritoras latinoamericanas. Rio Piedras: Huracán, 1984.
- Idem. *Las culturas de fin de siglo en América latina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1994.
- MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.). *O ensaio negro ibero americano em questão: apontamentos para uma possível historiografia*. Curitiba: UFPR-SCHLA, 2016.
- Mattoni, Silvio. *El Ensayo*. Córdoba: Epóke, 2001.
- MEYER, Augusto. *Ensaio escolhidos*. Seleção e prefácio de Alberto da Costa e Silva. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MONTAIGNE, M. Os Ensaio I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução de Rosemary Costhek Abílio.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo. Documentos de uma Militância Pan-Africanista*, 3a. ed. Com textos de Kabengele Munanga e Valdecir Nascimento. São Paulo: Editora Perspectiva / IPEAFRO, 2019.
- Idem. *O Genocídio do Negro Brasileiro*, 3a. ed. Com textos de Wole Soyinka, Florestan Fernandes, Elisa Larkin Nascimento. São Paulo: Editora Perspectiva / IPEAFRO. 2016.
- Idem. *Submundo: Cadernos de um Penitenciário*, Zahar, 2023.
- Nancy, Jean-Luc. *La creación del mundo o la mundialización*. Trad. Pablo Perera Velamazán. Buenos Aires, Barcelona: Paidós, 2003.
- Idem. *Ser singular plural*. Trad. Antonio Tudela. Madrid: Arena, 2006.
- Paz, Octavio. *El laberinto de la soledad*. Madrid: Cátedra, 1998.
- PORTELLA, Eduardo M. O ensaio. Conferência disponibilizada no sítio da Academia Brasileira de Letras, 2000. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4268&sid=531>>.
- Rama, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Idem. *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1985.

Rancière, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org, Ed. 34, 2005.

Santiago, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Idem (org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2000.

Idem. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

Idem. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Idem. *Ora (Direis) Puxar Conversa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

Idem. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Idem. *35 ensaios de Silviano Santiago*; seleção e introdução Italo Moriconi — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Salgado, Jessica di Chiaro. AMIZADE DAS FORMAS: O poema-ensaio em Marília Garcia. Tese de doutorado, Puc-Rio, 2024.

Sarlo, Beatriz. *Una modernidad periférica*. Buenos Aires 1920-1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

Idem. *La imaginación técnica*. Buenos Aires: Nueva Edición, 1981

Idem. *Ensayos Argentinos*. De Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires, Hachette, 1986.

Idem. *Cenas da vida pós-moderna*. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

Idem. *Paisagens imaginárias*. Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Editora da USP, 1997.

Idem. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

Sedlmayer, Sabrina, Guimarães, César e Otte, Georg. *O comum e a experiência da linguagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

Siscar, Marcos. *Jacques Derrida. Rhétorique et Philosophie*, Paris: L'Harmattan, 1998.

Sloterdijk, Peter. *Temblores de aire*. En las fuentes del terror. Trad. G. Cano. Valencia: Pre-textos, 2003.

Idem. *Espumas*. Madrid: Siruela, 2006.

STIGGER, Veronica. *Opisanie świata*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Tarde, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios*. Ed. Eduardo Viana Vargas. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Idem. *Fragmento de historia futura*. Posfácio de H. G. Wells. Trad. M. Giménez Saurina. Barcelona, Abraxas, 2002.

Ventura, Roberto. “Casa-grande e Senzala: ensaio ou autobiografia?” in *Literatura e Sociedade*, São Paulo: n.6, 2001-2002, p.212-222.

Williams, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

XAVIER, Valencio. *O mez da gripe e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Zola, Emile/Barbosa, Rui. *O processo do capitão Dreyfuss*. Trad. Ricardo Lisias. São Paulo: Hedra, 2007.